



# Apresentação

Patrícia Moran<sup>1</sup>

A 56ª edição da *Significação: Revista de Cultura Audiovisual* é composta pelo dossiê “Arlindo Machado: Conceitos e processos poéticos nas comunicações e artes” em tributo ao pesquisador, escritor e professor referência nas áreas de comunicações e artes no Brasil e América Latina e pela seção “Artigos”, que contempla cinema, televisão, literatura e festivais de cinema, em abordagens que privilegiam a estética e as teorias dos meios. Duas resenhas de livros lançados recentemente no Brasil e exterior completam o volume.

Nos artigos do dossiê, os objetos, problemas e horizontes de Arlindo Machado estão postos em diálogo com o estilo e a abordagem dos autores. O recorte dos artigos traça um panorama de facetas da pesquisa de Machado sem desconsiderar empatias estabelecidas por relações acadêmicas ou afinidades em relação a objetos e abordagens. Seu profícuo percurso, ancorado em escrita fluente e elegante, como destaca mais de um dos artigos, distancia-se da afetação acadêmica. Na introdução de uma de suas últimas publicações, *O olho, a visão e a imagem: revisão crítica*, levada ao público como edição do autor, ele coloca, em tom confessional, as condições existenciais da redação:

Este livro foi escrito durante seis meses de convalescência numa clínica de Itapira. Confiei na memória acumulada depois de cinco décadas de estudos, pois estava privado de acesso a minha biblioteca e videoteca. Naturalmente, depois chequei as referências. Isso foi bom porque me permitiu conceber um texto mais pessoal e menos afetado pela turbulência bibliográfica. Foi uma chance para dar uma ‘peneirada’ na cabeça e descartar o que a memória já havia descartado, por desnecessário. (2019, p. 8)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Livre docente pela Universidade de São Paulo (USP) e editora da revista *Significação*. E-mail: significacao@usp.br

<sup>2</sup> MACHADO, A. *O olho, a visão e a imagem: revisão crítica*. São Paulo: Ribeiro, 2019.



Esta citação é exemplo cabal de um pensador maduro e de um espírito livre para expor como transformou um desafio em uma oportunidade de escritura, um acontecimento da vida de encontro com lembranças selecionadas pela memória. A curiosidade deste ser no mundo, instrumentalizada por livros e filmes, desagua na livre redação deste livro sobre o ver e a visão, no momento em que o autor perdia a visão. Machado se notabilizou pela ousadia de enfrentar temas pouco explorados e de propor abordagens alheias aos cânones. Em nota à segunda edição de “A ilusão especular”, sua dissertação de mestrado, editada em 1984 e relançada em 2015, destaca a adoção de um viés “divergente em relação ao pensamento da época”. Ao percorrer os artigos deste Dossiê, o leitor acompanhará as modificações nas comunicações e cinema nas últimas décadas. A obra de Arlindo Machado abarca mais de um século de investigação de poéticas, especialmente as desenvolvidas com meios tecnológicos voltados à criação audiovisual, conforme mencionado por mais de um dos artigos. O desenvolvimento tecnológico voltado à criação de imagens e sons experimentou radicais revoluções com a digitalização e barateamento dos meios de produção, processo que tem Machado como um representante eloquente. A reflexão se alimenta e se complementa com curadorias nacionais e internacionais sistematizando temas e obras audiovisuais pouco frequentadas e conhecidas.

Lucia Santaella, em “Pensamento crítico em ação”, destaca as qualidades estilísticas, precisão conceitual e pioneirismo da obra de Machado, seu orientando no mestrado e doutorado em Semiótica, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cujo papel precursor é também destacado por Marcus Bastos, Gilson Liberato Schwartz, Osmar Gonçalves dos Reis Filho, Fabio Ciquini e Fernanda Albuquerque de Almeida em ensaios do Dossiê. Ao longo de seu artigo, Santaella desfila a relevância e consistência do pensamento de Arlindo Machado, livro após livro, ao analisar, em tessitura precisa e elegante, as articulações propostas pelo autor em relação a seus objetos e teorias, voltadas especialmente às “poéticas tecnológicas”. Segundo a autora, esse é um campo de investigação que pode fornecer um fio condutor a sua obra. A análise de *Discursos contra a insensatez* (2019) encerra com chave de ouro o artigo, despertando o desejo no leitor de ler e reler não apenas o livro, mas a obra de Machado, que, como sugere a autora



no título de seu artigo, suscita a ação crítica do pensamento. O texto de Santanella discute um dos livros do último lote de publicações editadas pelo autor, em que se renova o tom provocador de seu pensamento e deixa, quase como testamento, uma revisão crítica dos estudos contemporâneos na área de comunicações. O título do artigo de Santaella aponta a *práxis* da escrita como ação na obra de Machado. Maurice Blanchot<sup>3</sup> sugere quatro espaços privilegiados de inserção do “homem de pesquisa” (2001, p. 32): o primeiro é o ensino, o segundo são as “formas sempre coletivas de pesquisa especializada” (2001, p. 32); o terceiro, o espaço da ação política e o quarto, o da escrita. Arlindo Machado se dedicou à escrita voltada para a *práxis* criativa, atravessada pela política. Sua acepção política assenta-se na eleição de objetos pouco frequentados pela academia e em seu interesse pela arte disruptiva, como aquela que coloca em crise projetos industriais. A defesa da prevalência do investimento do artista na criação, independentemente dos meios, também foi uma de suas bandeiras, o que abriu seu olhar para o vídeo em um momento em que era criticado pela baixa resolução da imagem.

Seguimos com “O pensamento de Arlindo Machado e uma genealogia das artes do vídeo no Brasil”, de Marcus Bastos, breve revisão bibliográfica sobre Machado que destaca sua centralidade na constituição das poéticas tecnológicas enquanto campo de investigação. Conforme Bastos, Machado estrutura seu percurso e pensamento pela exploração de novos repertórios através de duas estratégias centrais: “o desmonte das linguagens estabelecidas e o mapeamento das linguagens emergentes”. O enfrentamento dos problemas ganha contornos que se relacionam ao estado da arte do campo investigado, e Bastos ressalta o amadurecimento concomitante do vídeo e da leitura de Machado sobre essa forma expressiva. O artigo se vale do encontro com a televisão e o vídeo para avançar na análise de *Global Groove*, do compositor e artista do vídeo Nam-June Paik, e do programa *Abertura*, de Glauber Rocha, estabelecendo conexões e rupturas entre essas obras, consideradas, à época, como inovadoras e sem lastro com outras expressões artísticas.

A provocação de Arlindo Machado no título de *A televisão levada a sério* é apropriada por Gilson Schwartz com uma paráfrase em “O *game* levado a sério: o sujeito lúdico em Arlindo

<sup>3</sup> BLANCHOT, M. *A conversa infinita*. A palavra plural. São Paulo: Escuta, 2001.



Machado”. Através de torções do significante e do uso acadêmico de certas noções, Schwartz problematiza, por exemplo, o que vem a ser “levar a sério” e quando e por que esta atitude pode ser considerada necessária ou supérflua. Ao estatuto semântico sobre o sério, relaciona uma série de paradoxos imiscuídos aos objetos de investigação e à postura da comunidade acadêmica em relação a certos temas. O artigo propõe curioso percurso ao tomar o currículo Lattes de Machado como referência que expõe a fragilidade da ferramenta oficial de medição da produtividade da pesquisa brasileira. A ausência de objetos como o *game* em seu percurso não significa a falta de sua contribuição, que se estabeleceu de outras formas. A irônica sugestão de Schwartz sobre a medida de produtividade pouco esclarece “qualidades”, mas se aproxima do tom dos títulos de uma série de trabalhos de Machado, que tiveram “como horizonte a superação do foco em meios, suportes e processos audiovisuais para mirar a conversão do próprio audiovisual”. Esta perspectiva abarca um método de lidar com a pesquisa em mídia, no qual poéticas isoladas e meio se enfraquecem, e a força do trabalho e de toda uma área de investigação se torna fruto dos cruzamentos mais diversos.

O encontro com autores em específico é o ponto de partida de Andréa C. Scansani em “As máquinas e seus batimentos vitais: por um cinema lato sensu” e de Fernanda Albuquerque de Almeida em “Arte e mídia: relações entre Arlindo Machado e Vilém Flusser”. Scansani lança mão de Gilbert Simondon e o aproxima de Machado, especialmente na abordagem da técnica como um dado da cultura. O lugar destinado à técnica não existe a priori, é criado e recriado como cultura em função de sua apropriação. Ao longo da história da expressão simbólica, sempre houve alguma, na mediação tecnológica o lugar do sujeito se modifica, mas essa mudança não autoriza tratar uma técnica despida de ontologias. Da mesma forma, ela está e sempre esteve na arte e nas comunicações. O artigo analisa a fotografia de *O cavalo de Turim* (2011), de Béla Tarr e Ágnes Hranitzky, em relação ao papel da técnica na imagem do filme, facilmente visível na alteração de velocidade da imagem como tradução dos estados emocionais dos personagens, técnica esquecida por grande parte dos espectadores devido a sua inserção diegética no filme.



É através da relação de Machado e Vilém Flusser com a técnica, especialmente a defesa da desprogramação de máquinas voltadas à produção criativa, como o aparelho fotográfico e cinematográfico, entre outros, que Fernanda Albuquerque de Almeida aproxima os dois pensadores da arte e de meios expressivos voltados à comunicação. Almeida reconhece a leitura de Machado da arte como metalinguagem da mídia como processo de torção dos meios, assim como a abordagem a contrapelo por ele praticada. Machado, em suas análises e encontros interpessoais, estimulou artistas a utilizarem os meios para além do projeto industrial originalmente previsto. A obra de Machado é atravessada pela aposta em desvios, como colocam Osmar Gonçalves dos Reis Filho e Fabio Ciquini, em “Desmistificações da fotografia: Machado, Wolf e o fotógrafo-montador”, em que citam *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas* (1996) para trazer o desconcerto na escolha pelo imprevisto “nos aparatos semióticos, pois recusa o projeto industrial e o determinismo tecnológico embutido conduziram à mesmice pré-pronta reproduzível”. Os autores partem da fotografia, objeto das primeiras investigações de Arlindo Machado, para repensar não mais o ato fotográfico, mas o próprio estatuto do fotógrafo na contemporaneidade. As fotografias e escolhas do fotógrafo alemão Michael Wolf ao partir do *Street View* para produzir o click não de um instante privilegiado pela velocidade da ação criativa, mas a partir de escolhas tomadas como paradigmáticas de outro lugar do criador, agora um “um arqueólogo ou um montador, uma espécie de crítico-colecionador trabalhando a partir de fragmentos, retalhos, sobras de sonhos e imagens”.

A entrevista de Roberto Berliner a Andrea França fecha o dossiê. França sentiu-se instada pela obra de Arlindo Machado a alinhar, com riqueza de detalhes, personagens e espaços em que o vídeo carioca aconteceu e que não constam com tamanha ênfase no recorte de Machado. O Circo Voador e o Centro Cultural Cândido Mendes foram palco de uma cena incipiente na biografia de Berliner, consolidada por passagens em emissoras de televisão e documentários mundo afora. Um precursor estabelece temas e abordagens que certamente se consolidarão, ao longo dos anos, através de outros olhares, como o concedido por França ao entrevistar Berliner.



A imagem na capa do Dossiê é uma foto do trabalho de Regina Silveira, *Abyssal* (2010), apresentado em exposição na Polônia. Arlindo Machado acompanhou o percurso da professora e consagrada artista durante anos de fraternal convívio e trocas. O artigo “A ciência fictícia”, escrito por Machado para o catálogo *Regina Silveira*, editado em 2011 pela Edizioni Charta, Milão, testemunha a proximidade do projeto estético dos dois. Ele é preciso ao destacar, ao longo do percurso de Regina Silveira, seu investimento na anamorfose, recurso comum a outros artistas. Suas operações artísticas com a deformação exploram conhecimentos científicos, mas, em vez de criar um ilusionismo obediente a pontos de fuga, ou seja, mimético em relação à realidade material experimentada no cotidiano, propõe, com seus trabalhos, jogos sobre o ver. Ela parte da perspectiva, aprendida desde a tenra infância, para torcer o mundo e inventar realidades óticas, exibindo com maestria formas e modos de ver instituídos pelo lugar do espectador e não dado a priori pela obra. *Abyssal*, imagem da capa deste dossiê, é a foto de uma obra colada ao chão da galeria; em uma superfície plana, há um espaço tridimensional distorcido. A obra de Machado buscará a ciência presente na fabulação e na fantasia e o aspecto científico imbricado à arte pelas técnicas necessárias a cada processo criativo. Este cruzamento se descortina com maior evidência ao longo dos anos e se reitera, como no artigo inédito “Babelwork”, encontrado entre seus papéis. O artigo é uma incursão sobre a tradução do intraduzível, como coloca Arlindo Machado ao comentar o poema “Jaguadarte”, de Lewis Carrol, vertido ao português brasileiro por Augusto de Campos. No artigo, Machado retorna a seus tempos de estudante de letras, projeto que, ao que tudo indica, foi acalentado por décadas, pois junto ao artigo havia recortes de jornais e revistas da década de 1970.

Ismail Xavier, com “O passado no presente: memória pessoal, memória coletiva, desencontros”, abre a sessão de artigos analisando a progressão da trama do filme *Corpo* (Rubens Rewald e Rossana Foglia, 2007). Xavier nomeia como “corpo-enigma” este corpo encontrado em uma vala clandestina do cemitério de Perus, em 1990. As ossadas enterradas sem identificação geram suspeitas, reforçadas pelas marcas de tortura, de que o corpo é de um ex-presos político. Cuidadosa análise fílmica estabelece a trama para a construção do “retorno do passado no presente”,



motivação do conflito do filme. Em “História em horário nobre: memória e etnicidade em Raízes e Holocausto”, Edson Pedro Silva também parte de eventos do passado transformados em trabalhos ficcionais. O autor discorre sobre a legitimidade da TV como produtora de conhecimento passível de análise pelo historiador, colocando em questão ontologias em relação a meios e a seu suposto *telos*. Percorrerá programas seriados desenvolvidos para a TV e o cinema, cotejando pontos de encontro e diferenças entre os meios, principalmente em *Raízes* (1977) e *Holocausto* (1978). O debate político prossegue no artigo de Sandra Fischer, Natália Lago Adams e Aline Vaz, “*La mujer sin cabeza*: fluxos estéticos e políticos no Cinema Argentino”. No filme de Lucrécia Martel, a política é experiência cotidiana e, segundo as autoras, seu cinema “implica ter em mente que o realizador é um indivíduo inserido em uma determinada comunidade, e que a realidade que este vive(u) tende a se manifestar, de uma maneira ou outra”. O esgarçamento do tecido social pela pobreza em países que ainda estão vivendo o impacto do sistema colonial – e, principalmente, de governos autoritários – se estabelece nos corpos dos indivíduos, marcados por sofrimentos de toda ordem.

O cineasta português Pedro Costa é o objeto em “A ética do inconcluso em *Juventude em Marcha* – a carta de Ventura”, de João Luiz Borogan Cerqueira, que, através de uma carta e da impossibilidade de esta ser escrita, enviada, ser ouvida e gerar interesse, estabelece diálogos com a literatura. Borogan Cerqueira pensa a polifonia de Dostoiévski através de Mikhail Bakhtin, processo inaugurado por Costa nesse filme. Por meio da carta de Ventura, a solidão da leitura conquista a tela do cineasta português. Da presença da literatura no cinema também se ocupa “Ascensão, vertigem e queda em Mário Peixoto: correspondências entre Limite e Mundéu”, de Bárbara Bergamaschi Novaes. O artigo trata da faceta menos explorada do cineasta brasileiro, a versátil proficiência artística de Mário Peixoto e a presença da literatura e da música em seu filme. Por sua articulação com artes como a poesia e a música, seu cinema privilegia ritmos e imagens mentais em aberto, as metáforas. A cuidadosa análise formal e semântica do poema e de três sequências do filme, ambos de autoria de Peixoto, conta com as teorias da montagem do cineasta russo Serguei Eisenstein como operador teórico.



.....

Maria Ogécia Drigo em “Imagem-afeção no filme *O regresso*” aborda o filme de Alejandro González Iñárritu a partir do conceito de Gilles Deleuze. A autora recupera a filiação de Deleuze ao semioticista Peirce, mencionado em seus livros sobre cinema. Drigo aproxima a imagem-afeção à primeira categoria da percepção de Peirce. No encontro com o filme de Iñárritu, analisa algumas sequências aproximando Deleuze e Peirce. Finalmente, esta seção se encerra com o artigo “Festivais de cinema pós-Covid-19: impactos e perspectivas” de Nathan Nascimento Cirino e Kleyton Canuto. Os autores apresentam um balanço das funções sociais, políticas e artísticas de festivais desde seu surgimento, nos anos 1930, ressaltando ajustes e mudanças radicais exigidos por intempéries de diversas ordens. O artigo, redigido há mais de um ano, é uma primeira abordagem sobre uma situação que certamente marcará os festivais, podendo se transformar em um novo formato, com novos desafios para o público e para o realizador.

A resenha da segunda edição revista do livro *Cinema and intermediality: the passion for the in-between*, de Ágnes Peth, por Cecília Antaky de Mello, percorre a teoria da intermedialidade sobre a qual o livro se detém, assim como o processo de revisão do texto, lançado originalmente em 2011, oferecendo ao leitor brasileiro a oportunidade de conhecer uma publicação sobre tema recentemente recuperado na pesquisa cinematográfica. Josafá Veloso apresenta o *e-book* *Pandemíia: vírus, contaminações e confinamento*, idealizado pelo Laboratório de Arte, Mídia e Tecnologias Digitais (LabArteMídia) – grupo de pesquisa vinculado ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão e ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes – e organizado por Almir Almas. Os artigos, redigidos no calor do primeiro momento de isolamento social, funcionam como uma espécie de retrato do impacto inicial da pandemia, com as primeiras expectativas sobre os desdobramentos sociais, políticos e, especialmente, de ordem poética advindos da situação de confinamento.

Uma boa leitura a todos!